

## LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 6, N. 2, ano 2014

# BRINCANDO COM CORES: POLISSEMIA EM ESQUEMAS DE COMPOSIÇÃO

*Valeria Fernandes Nunes (UERJ)\**

## RESUMO

A princípio, para um falante nativo da Língua Portuguesa conceptualizar uma cor como “verde maçã” pode ser uma tarefa simples. Entretanto, a conceptualização de cores, em especial algumas cores compostas, necessita de um exercício mental que muitas vezes o falante da língua não percebe. Para entender “verde maçã” não bastaria unir [[VERDE]/[verde]] + [[MAÇÃ]/[maçã]] = [[VERDE MAÇÃ]/[verde maçã]]. E, em “maçã verde”, conceptualizamos [[VERDE]/[verde]] como um tipo de maçã ou o estado de uma maçã não madura. A polissemia dessas estruturas é possível porque as características que distinguem as unidades de sentido pleno de outros tipos de unidade são o antagonismo e os limites/*bounding* das unidades (CROFT, 2004). Basicamente, isso significa que as duas estruturas simbólicas ([[VERDE]/[verde]] e [[MAÇÃ]/[maçã]]) possuem focos de atenção diferentes. Ao optar por um dos sentidos de ([[VERDE]/[verde]]) colocamos um sentido no foco de atenção, escondemos o outro. Por isso temos diferentes conceptualizações de “verde maçã” e “maçã verde”. Este recurso é complicado pelo fato de que as relações de sentido são por si próprias basicamente sensíveis ao *construal*, isto é, sensíveis às nossas experiências sensoriais, emotivas e contextuais (EVANS & GREEN, 2006). Além dessas relações polissêmicas, cada composição surge a partir de um esquema de construção, conforme descreve a Gramática Cognitiva (TAYLOR, 2003; LANGACKER, 2008). Na cor citada, ao analisar cada entidade separadamente, notamos que há o esquema substantivo+substantivo. Para averiguar o comportamento desses procedimentos linguísticos, realizamos uma pesquisa de campo com quarenta crianças, entre oito e onze anos, falantes da Língua Portuguesa, para constatar se apenas com os esquemas de construção de composição, que os falantes dominam, seriam capazes de distinguir quais estruturas simbólicas compostas são cores ou não. Desta forma, este estudo contribui para compreendermos o funcionamento da polissemia e o armazenamento de esquemas de construções proposto pela Gramática Cognitiva.

**Palavras-chave:** Polissemia, Gramática Cognitiva, composição e cores.

## ABSTRACT

At first, for a native speaker of Portuguese conceptualizes a color as “apple green” can be a simple task. However, the conceptualization of colors, especially some composite colors, needs a mental exercise that often the speaker of a language does not notice. To understand “apple green” would not suffice to unite [[GREEN]/[green]] + [[APPLE]/[apple]] = [[GREEN APPLE]/[green apple]]. Brazilians conceptualize [[GREEN]/[green]] as a state of an unripe fruit and as a color, and [[APPLE]/[apple]] as a fruit that can be green. Polysemy is possible because the characteristics which distinguish the units of the full sense of other types of unit are limits antagonism and bounding units (CROFT 2004). Basically, this means that the two symbolic structures ([[GREEN]/[green]] and [[APPLE]/[apple]]) have different focus of attention. By choosing one of the senses ([[GREEN]/[green]]), we put a sense in focus of attention and we hide the other. Therefore have different conceptualizations of “apple green” and “green apple.” This feature is complicated by the fact that the sense relations are themselves basically sensitive the *CONSTRUAL* (Evans & Green, 2006). Besides these relations polysemous, each composition arises from a construction scheme, as described in the Cognitive Grammar (Taylor, 2003; Langacker, 2008). We analyzed each entity separately and we noted that there is a scheme noun + noun. To analyze the behavior of these linguistic procedures, we conducted a practice research with forty children between eight and eleven years, speakers of Portuguese, to see if only the schemes of composition that speakers dominate would be able to distinguish which structures are color or not. Accordingly, this study contributes to understanding the functioning of polysemy and schemes of constructions proposed by Cognitive Grammar.

**Keywords:** Polysemy, Cognitive Grammar, Composition and colors.

\* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [valeriafernandesrj@hotmail.com](mailto:valeriafernandesrj@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Escolher uma cor para pintar um cômodo de uma casa pode ser uma tarefa fácil ou uma tarefa muito difícil principalmente se estivermos diante de um catálogo de cores bem diversificado, com cores como amarelo cádmio, verde água, azul piscina, rosa primavera e goiaba queimada. A cada estação do ano, surgem novas cores, novas tendências. E como identificar se verde água ou água verde é uma cor? Ou se rosa primavera ou primavera rosa é uma nova cor? Goiaba queimada é nome de cor? E o que dizer sobre verde maçã e maçã verde<sup>1</sup>? Como será que o falante da Língua Portuguesa lida com essas expressões compostas?

Responder a essas perguntas é o que nos motiva a desenvolver este artigo. Há algo que possibilita que falantes de qualquer língua entendam expressões nunca ouvidas, sejam elas expressões novas ou antigas. Chamamos esse algo de *Esquemas de Construção*.

Os Esquemas de Construção fazem parte da teoria desenvolvida por Langacker na Gramática Cognitiva em 1976. Tais esquemas são moldes que o falante se utiliza para formar palavras, expressões compostas, frases e textos. Neste trabalho, enfatizamos os esquemas de construções para expressões compostas do tipo substantivo + substantivo, sendo um dos substantivos o nome de uma cor.

Para realizar a análise dos dados, primeiramente, descrevemos conceitos básicos relacionados à Gramática Cognitiva, que dão suporte para apreender a base teórica adotada neste estudo. Depois, delineamos os Esquemas de Construção e a Estrutura de Conjuntos Simbólicos para analisar a estrutura de expressões compostas. E, por último, verificamos as contribuições de Croft (2004) acerca da polissemia para compreender, por exemplo, o porquê de rosa apresentar variação de sentido em *rosa vermelha*, *primavera rosa* e *rosa primavera*.

Como parte desse estudo, realizamos uma pesquisa de campo com quarenta crianças, entre oito e onze anos, que cursavam entre o terceiro e o quarto ano do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, para averiguar o funcionamento dos esquemas cognitivos. A pesquisa foi proposta como uma atividade lúdica por meio da qual essas crianças confrontaram expressões envolvendo nomes de cores. Antes de entregar os formulários que as instigavam a esse confronto, conversamos com elas sobre como podemos brincar com as palavras, sobre como o ato de mudar as palavras de lugar, como uma “brincadeira”, pode proporcionar uma nova interpretação. Cumprida essa fase, entregamos os formulários para elas os preenchessem e fornecessem respostas aos questionamentos iniciais.

---

<sup>1</sup> Sabemos que “maçã verde” é um tipo de maçã, conhecida por Granny Smith. Entretanto, nesta pesquisa, em relação às frutas, utilizamos “verde” para expressar uma fruta não madura. Pois, dentre os significados para a palavra “verde”, há o conceito referente a um “alimento que ainda não amadureceu”, conforme consta no Dicionário Aurélio, disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/verde>, acessado em 17 de março de 2015.

## 1. GRAMÁTICA COGNITIVA

Tendo em vista que este trabalho visa à descrição do processo de conceptualização de conjuntos de estruturas simbólicas do tipo substantivo-substantivo com unidades polissêmicas (nome de cores), faz-se necessária uma breve explanação acerca da Gramática Cognitiva, que nos fornece subsídios teóricos para explicar esse processo.

Em 1976, a Gramática Cognitiva se desenvolveu com estudos de Ronald Langacker. Teorias linguísticas contemporâneas analisam a linguagem como um sistema autônomo, a gramática (sintaxe) como uma estrutura linguística diferente do léxico e da semântica, e explicam o significado por meio de condições de verdade. Ao se deparar com tais afirmações, Langacker apresentou, em seu artigo *Cognitive grammar: introduction to concept, image and symbol* (2006), as seguintes proposições: a linguagem não é autônoma e não pode ser descrita sem o processamento cognitivo; as estruturas gramaticais são simbólicas e não podem ser estudadas sem considerar seu sentido; e a análise do significado por meio das condições de verdade é inadequada, porque a estrutura semântica é caracterizada em relação a outros sistemas de conhecimento.

Para Langacker, significado é entendido por *construal*. *Construal* é um termo amplo que compreende nossas experiências sensoriais, emotivas e o contexto imediato em que a palavra é produzida. Desta forma, a semântica apresenta entidades abstratas como pensamentos e conceitos. Muitos itens lexicais apresentam combinações de sentidos que definem uma gama de sentidos sancionados no uso. Para exemplificar, pensemos na palavra *verde*, cujo significado convencional é o de *cor*. Mas há sentidos mais abstratos para *verde*. Há o *verde* que expressa o estado de uma fruta *não madura* e o *verde* da bandeira brasileira que remete metonimicamente às *florestas* do Brasil. O significado convencional de um item lexical está relacionado a toda a rede de significados.

Assim, o conhecimento linguístico do falante é processual e a gramática internalizada apresenta esse conhecimento em um acervo estruturado de unidades linguísticas convencionais. Emprega-se o termo *unidade* para indicar uma estrutura automatizada, em razão da frequência de uso, algo que o falante pode ativar como um todo construído sem atentar para as especificidades de sua composição interna. Logo, podemos declarar as seguintes afirmações acerca da unidade: ela é considerada uma rotina cognitiva devido ao seu frequente uso, e o acervo das unidades convencionais estruturado no sentido de que algumas unidades funcionam como componentes de outras, como no processo de composição.

A gramática de uma língua é concebida de modo a promover para o falante um acervo de recursos simbólicos, que representam padrões estabelecidos em uma linha de montagem de estruturas simbólicas. Os falantes utilizam unidades simbólicas como padrões de comparação ao acessar a convencionalidade de novas expressões e usos, criados por ele próprio ou fornecidos por outros falantes.

As novas unidades não são consideradas um conjunto bem definido e não podem ser derivadas de mecanismos limitados de uma gramática autônoma. Compreendemos as unidades devido à capacidade do falante de solucionar problemas que atingem a compreensão das estruturas simbólicas não somente por meio da apreensão da convenção linguística, mas também por sua apreciação do

contexto, suas metas comunicativas, sua sensibilidade e qualquer aspecto do conhecimento geral que possa ser relevante.

Há três tipos básicos de unidades: semântica, fonológica e simbólica, sendo esta última de natureza bipolar, porque se constitui a partir das duas primeiras unidades. O conceito de unidade simbólica pode ser relacionado ao conceito de signo linguístico desenvolvido por Saussure, no Curso de Linguística Geral (1916), no que tange ao seu caráter de objeto da Linguística. Entretanto, os dois aspectos do signo linguístico de Saussure, significante e significado, isto é, imagem acústica e conceito, não abarcam as operações mentais realizadas durante a conceptualização.

O conceito de uma unidade simbólica não é baseado na imagem. Ocorre o inverso, a imagem é criada porque se domina o conceito, ou seja, o domínio do conceito [ÁRVORE] permite a ativação de uma imagem mental desse objeto, que pode admitir diversas configurações: com folhas, com galhos secos, com frutos, sem frutos. Além disso, há conceitos que não estão associados às imagens mentais, tais como as palavras *amor*, *felicidade*, *medo* e *entender* que não evocam imagens mentais. Logo, “um conceito é um princípio de categorização”, que admite, além da ativação de uma imagem mental, a criação de inferências (TAYLOR, 2003, p. 43).

Avaliar a convencionalidade (boa formação de uma unidade) é uma questão de categorização: categorizar julgamentos ou aprová-los como elaborações de unidades esquemáticas ou reconhecê-las como provenientes das convenções linguísticas correntemente estabelecidas. A imagem acústica também é um início de categorização em termos articulatórios e auditivos, unido à classificação dos tipos de sons linguisticamente proeminentes de cada língua. Caso contrário, não seria ativada a mesma imagem geral de uma [ÁRVORE] ao se ouvir a palavra pronunciada com [r] retroflexo ou mais vibrante. Pois, a habilidade de categorizar é utilizada amplamente pelo homem.

Tendo como base a Gramática Cognitiva, é possível formar as seguintes restrições para as análises linguísticas: primeira restrição, as únicas unidades permitidas na gramática são as estruturas semântica, fonológica e simbólica; segunda restrição, as estruturas são sistematizadas por essas estruturas; e, por último, a categorização das relações envolve as duas primeiras restrições.

Sendo assim, quando nos deparamos com uma expressão nunca ouvida, buscamos uma interpretação em termos de um *esquema* geral que envolva essa expressão em particular. A compreensão das expressões é possível devido à disposição cognitiva de *Esquemas de Construção* em nossa mente.

## 2. ESQUEMAS DE CONSTRUÇÃO

Os falantes de uma língua podem construir e entender um infinito de expressões novas. A língua não concede liberdade aos falantes para eles criarem o que quiserem. Para que expressões sejam consideradas normais ou corretas, elas necessitam ser combinadas em certos aspectos. Precisamos considerar quais são os aspectos que licenciam o falante para compreender e formar expressões.

Segundo Langacker (2008, p.218), “A língua é uma atividade padronizada e organizada exibindo regularidades extensas que precisam ser descobertas e descritas<sup>2</sup>.” Assim, sua caracterização deve acomodar a dinamicidade inerente e variabilidade da estrutura linguística. As regularidades que coletivamente se referem a “uma língua” consistem em unidades linguísticas convencionais. As unidades são rotinas cognitivas convencionais, em virtude de representarem a prática linguística estabelecida em uma comunidade de falantes. As unidades convencionais incorporam as normas e as restrições de uma língua impostas sobre suas expressões. Como há várias formas que tais unidades podem assumir, devemos considerar a natureza básica das regras linguísticas e a fonte de suas restrições. Linguistas concebem normas em três situações: como *regras construtivas*, como *filtros*, ou como *esquemas de construção*.

*Regras construtivas* são instruções a serem seguidas para unir expressões. Os principais exemplos são as “regras de estrutura da frase” e “transformações” da clássica Gramática Gerativa. Regras construtivas da estrutura de frases são instruções para a construção sintática. Assim, elas são concebidas como sendo fundamentalmente diferentes. Não havendo razão para esperar que regras individuais assemelhem-se às expressões que ajudam a produzir. O único requisito é que as regras funcionem coletivamente para dar como saída apenas expressões bem formadas.

Filtros são normas linguísticas que podem dar marca de mal-formada a qualquer cláusula em que um verbo e seu sujeito discordem em número (\* Nós é), por exemplo. Os teóricos têm, ocasionalmente, dado a noção de que a gramática pode consistir inteiramente em filtros deste tipo. A maioria desses são simplesmente incoerentes e apenas uma proporção muito pequena seria aceita como expressões gramaticais. A determinação é feita por verificação de uma longa lista de proibições em que a gramática da língua reside. Em contraste com as *regras construtivas* (que não precisam se assemelhar às expressões) e *filtros* (que, por definição, não podem), *esquemas* devem assemelhar-se às expressões que os caracterizam. Os esquemas surgem dentro de expressões, como aspectos recorrentes da atividade de processamento que os constituem. Diferem das expressões que caracterizam apenas no nível de especificidade, representando as semelhanças de gradação reveladas na abstração de detalhes.

Para a Gramática Cognitiva, as normas gramaticais assumem a forma de esquemas. Padrões e regularidades, de qualquer tipo, em qualquer nível de especificidade, residem em unidades esquemáticas abstraídas de expressões convencionais. Toda a complexidade e especificidade da língua é referida em evento de uso. O aspecto essencial de um evento de uso é como a expressão empregada é apreendida pelo falante / ouvinte em um contexto específico, compreendendo plenamente sua importância e todos os detalhes de sua manifestação. Importante: o contexto abarca muito mais do que apenas as circunstâncias imediatamente físicas. Interações de fala se desdobram em todos os níveis de consciência dos interlocutores: física, mental, social, cultural, emocional e

---

<sup>2</sup> Language is patterned, organized activity exhibiting extensive regularities that need to be discovered and described.

avaliativo. Partir do contexto para a expressão é, portanto, uma avaliação que cada interlocutor faz do que o outro sabe, bem como de suas atitudes, intenções e desejos.

As unidades estão, assim, em relação esquemática para ambos os eventos de origem e os outros eventos em que figuram. Uma vez estabelecidos, os esquemas funcionam como modelos na construção e interpretação de expressões novas. A relação que suportar os aspectos correspondentes de eventos de uso posteriores equivale à categorização. Além disso, qualquer tipo de classificação é capaz de recorrência, podendo ser estabelecida como uma unidade linguística convencional. As relações de categorização estão sujeitas à esquematização e à categorização.

Unidades linguísticas são limitadas pela exigência no teor de representações esquematizadas de configurações inerentes em eventos de uso. Desde que os esquemas sejam o reforço comum de expressões que ocorrem, elevam-se as caracterizações positivas do que realmente ocorre no uso da língua.

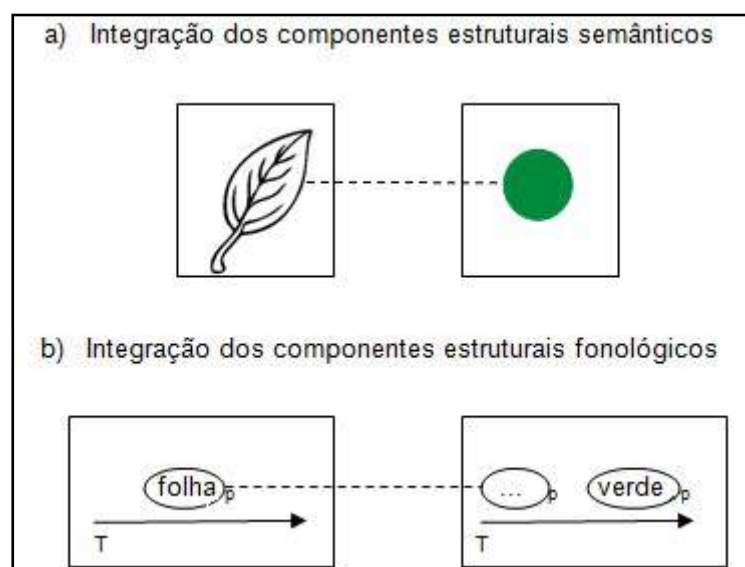
Portanto, a caracterização dos padrões esquemáticos convencionais pode indicar, implicitamente, se as opções fora do seu alcance são não-convencionais e mal-formadas. Neste estudo, a fim de delimitar nosso recorte teórico, focamos nos esquemas de construção referente ao conjunto de estruturas simbólicas.

### 3. CONJUNTO DE ESTRUTURAS SIMBÓLICAS

Segundo Langacker (2008, p.161), a estrutura simbólica ( $\Sigma$ ) é formada por meio do emparelhamento de uma estrutura semântica/*semantic structure* (S) e uma estrutura fonológica/*phonological structure* (P):  $[[S] / [P]] \Sigma$ . Sendo caracterizada como uma estrutura bipolar porque possui dois polos: S sendo seu polo semântico em letras maiúsculas, e P seu polo fonológico em letras minúsculas.

Uma estrutura simbólica pode se combinar com outra estrutura a fim de formar estruturas mais elaboradas:  $[\Sigma_1] + [\Sigma_2] = [\Sigma_3]$ . Em relação à organização, os componentes estruturais  $[\Sigma_1]$  e  $[\Sigma_2]$  são integrados para formar a estrutura composta  $[\Sigma_3]$ . Por exemplo, os componentes *folha* e *verde* podem ser integrados para construir a expressão composta *folha verde*. A construção pode ser representada da seguinte forma:  $[[FOLHA]/[folha]] + [[VERDE]/[verde]] = [[FOLHA VERDE]/[folha verde]]$ . As estruturas e as relações entre elas constituem uma estrutura simbólica mais elaborada. Podemos visualizar a estrutura simbólica na figura *Integração dos componentes estruturais* em que a seta tracejada mostra analogamente a integração entre os componentes semânticos e fonológicos<sup>3</sup>.

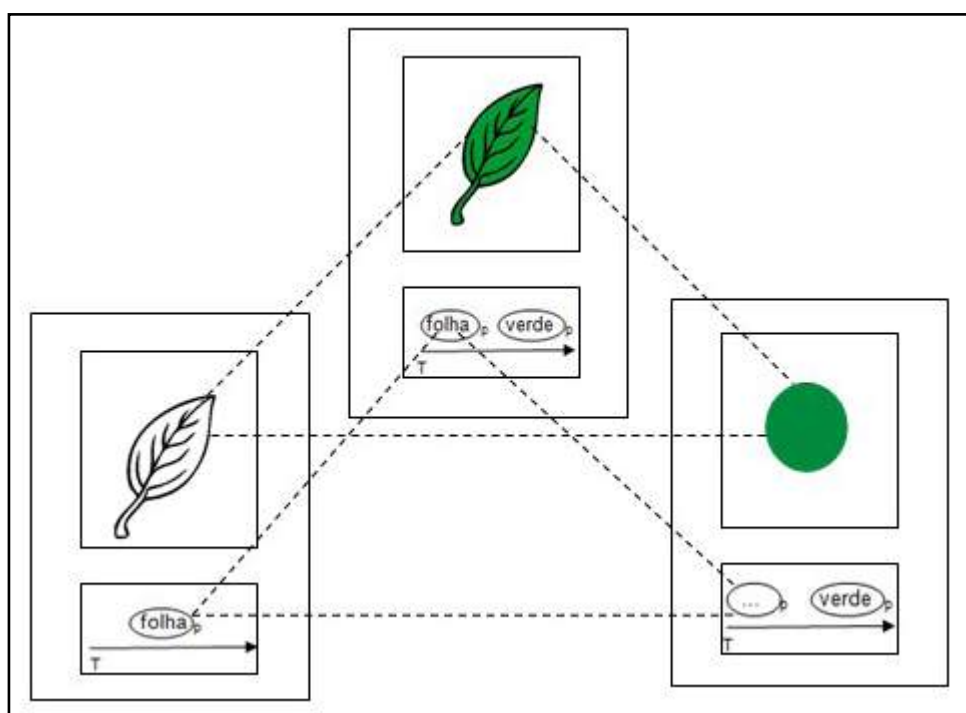
<sup>3</sup> Vale salientar que por uma questão de praticidade, utilizamos a representação pictórica nos exemplos deste estudo. Assim, as estruturas simbólicas  $[[FOLHA]/[folha]]$  e  $[[VERDE]/[verde]]$  são meramente abreviaturas mnemônicas para que essas estruturas sejam representadas. Não afirmamos que o significado de *folha* e *verde* sejam imagens.



**Figura 01:** Integração dos componentes estruturais

Na figura, observamos que as representações são altamente abreviadas. Ao invés de apresentarmos abrangentes descrições fonológicas, apenas indicamos que [folha] e [verde] são palavras (p), cada uma ocorrendo em um determinado ponto de processamento, geralmente, o ponto é o tempo da fala, representado pela seta rótula T.

A composição é uma questão de combinação de componentes de acordo com as correspondências entre seus polos semânticos e fonológicos. Desta forma, a primeira figura possibilita a configuração descrita na figura *Integração dos componentes estruturais em compostos*, representando a construção como um todo. A seta tracejada destaca a integração entre os pólos semânticos e fonológicos de [[FOLHA]/[folha]] + [[VERDE]/[verde]] = [[FOLHA VERDE]/[folha verde]].



**Figura 02:** Integração dos componentes estruturais em compostos

Em um nível superior de organização, [[FOLHA VERDE] / [folha verde]] que é o resultado da soma de duas estruturas pode, por si mesmo, combinar com outra estrutura para formar uma composição mais elaborada:  $[\Sigma_3] + [\Sigma_4] = [\Sigma_5]$ . Logo, as expressões podem ser reunidas em qualquer grau de complexidade simbólica: palavras, frases, orações e discursos.

Quando a estrutura composta é uma entidade distinta, ela forma um conjunto de estruturas simbólicas/*assembly of symbolic structures*. A estrutura composta forma um conjunto (ao contrário de ser separado e não relacionado), precisamente em virtude de estarem ligados por correspondências. Langacker (2008, p.164) aponta o exemplo *tampa de frasco/jar lid* e ressalta que a estrutura composta não é meramente a soma de estruturas componentes que se baseiam em cada pólo:

A estrutura composta é uma entidade própria, geralmente com propriedades emergentes não herdadas ou estritamente previsíveis a partir dos componentes e das correspondências entre elas. Como matéria geral, estruturas de componentes devem ser pensadas como recursos desenhados – com outros, para se chegar a expressão composta. Enquanto eles motivam a estrutura composta em diferentes graus e podem fornecer a maioria do seu conteúdo, não devem ser pensados como blocos de construção que necessitam de ser apenas empilhados em conjunto para formar o todo composto. (2008, p.164)<sup>4</sup>

Sendo assim, uma estrutura composta é mais do que apenas a soma de seus componentes. Não podemos compreender as palavras “constução” e “composição” como qualquer sentido estrito ou literal, em que apenas empilhamos blocos/palavras e temos um todo/uma expressão linguística maior.

Uma expressão é dita composta na medida em que a sua estrutura composta deriva de uma maneira regular e previsível a partir das suas estruturas componentes. A composicionalidade é uma característica essencial da linguagem, o que nos permite criar e entender um infinito número de novas expressões.

O significado da composição *folha verde* seria a soma de [FOLHA] e [VERDE]? É facilmente visto que a composição não é apenas uma soma simples. Caso contrário, as expressões distintas, com os mesmos componentes, seriam sempre semanticamente equivalentes. Mas elas não são. Não podemos ignorar as diferenças semânticas entre *folha verde* e *verde folha*. Isto é, em *folha verde* estamos falando de uma folha, de árvore ou de papel, que é da cor verde, enquanto em *verde folha* estamos nos referindo a um tipo de tonalidade da cor verde. O significado de uma expressão composta não é apenas a junção do significado dos componentes, mas uma estrutura integrada onde os elementos se relacionam entre si de forma muito específica.

Como sabemos, a diferença semântica presente na alteração da ordem dos componetes dessa composição? Sabemos isso devido ao conhecimento da gramática de nossa língua. Gramática

<sup>4</sup> The composite structure is an entity in its own right, usually with emergent properties not inherited or strictly predictable from the components and the correspondences between them.[...] As a general matter, component structures should be thought of as resources drawn on—along with others—in arriving at the composite expression. While they motivate the composite structure to varying degrees, and may supply most of its content, they should not be thought of as building blocks that need only be stacked together to form the composite whole.



consiste em padrões convencionalmente estabelecidos para montar conjuntos simbólicos. Para a Gramática Cognitiva - GC, esses padrões são conjuntos simbólicos, pois são construções esquemáticas. Tais padrões são chamados de esquemas construtivos que são adquiridos por meio de um processo de esquematização. A esquematização é captada por expressões que representam o esqueleto da partilha de recursos organizacionais. Uma vez aprendido, um esquema serve como um modelo para lidar com expressões novas no mesmo padrão.

Na Língua Portuguesa, geralmente, em um esquema de composição estabelecido com dois componentes do tipo substantivo-substantivo ou substantivo-adjetivo, o segundo elemento perfila o primeiro, conforme é possível verificar nos dados levantados nesta pesquisa. Assim, em *folha verde* conceptualizamos uma folha da cor verde, seja uma folha de papel ou de árvore, sabemos que tal folha é verde. Enquanto que em *verde folha* compreendemos que estamos diante de uma cor, *verde*, com a tonalidade de uma *folha*, isto é, um verde com tons de cores próximos ao de uma *folha* de uma árvore. Tais interpretações são possíveis por causa da polissemia de *verde*.

#### 4. POLISSEMIA

A polissemia é entendida aqui em sentido amplo, como variação de *construal* de uma palavra em diferentes ocasiões de uso. Ela será tratada como uma questão de isolar diferentes partes do potencial total do significado de uma palavra em circunstâncias diferentes. O processo de isolamento de uma porção do potencial significado será visto como a criação de um *limite* de sentido delimitando uma unidade autônoma de sentido.

Limites de sentido delimitam o tipo de unidades de sentido que estão presentes nos dicionários tradicionais. Dicionários tradicionais incluem as unidades de sentido que estão bem entrenchados na língua e são fortemente apoiadas por restrições convencionais, no entanto, mesmas características podem ser encontradas em diferentes *construal*. As leituras possíveis de uma palavra não são numeráveis. Um dicionário só pode oferecer uma lista finita, portanto, um elevado grau de seletividade é inevitável.

De acordo com Croft (2004, p112), um limite de sentido revela sua presença em uma variedade de maneiras. Essa variedade pode ser vista como diferentes tipos de autonomia das unidades delimitadas. Para esse linguísta, a autonomia é entendida como a capacidade de uma unidade se comportar de forma independente de outras unidades que podem ser construídas no mesmo contexto.

Assim, compreender *verde* como um tipo de cor ou como *fruta não madura* é possível devido à autonomia dos limites de sentido e ao antagonismo. O antagonismo é a característica que distingue as unidades de sentido pleno de outros tipos de unidades. Basicamente, isso significa que em “Não gosto de escrever na *folha verde* porque não vejo direito o que está escrito. Prefiro uma folha branca.” colocamos o foco de atenção em *verde* como um tipo de cor.

Desta forma, a polissemia de uma palavra dependerá dos limites de sentido que ela possua e da possibilidade de colocar um desses sentido no foco de atenção em um determinado contexto.

## 5. BRINCANDO COM CORES

A polissemia presente em algumas palavras possibilita que se faça uma brincadeira de trocar as palavras de posição para alterar o significado. Ao nos depararmos com cores como *amarelo ouro* ou *azul mar*, notamos que essas expressões compostas por substantivo1 + substantivo2 possibilitam outra conceptualização quando alternamos a ordem (substantivo2 + substantivo1), isto é, *ouro amarelo* e *mar azul*. Essa diferença de sentidos tem sido questionada desde o início de nosso estudo. Então, para encontrar uma possível explicação para esse fenômeno, além das teorias apresentadas até o momento, também realizamos uma pesquisa de campo para averiguar o funcionamento linguístico cognitivo dessas expressões na prática.

A pesquisa foi composta por três fases: seleção de cores formadas por expressões compostas, aplicação de formulário de pesquisa em crianças já alfabetizadas e análise dos dados.

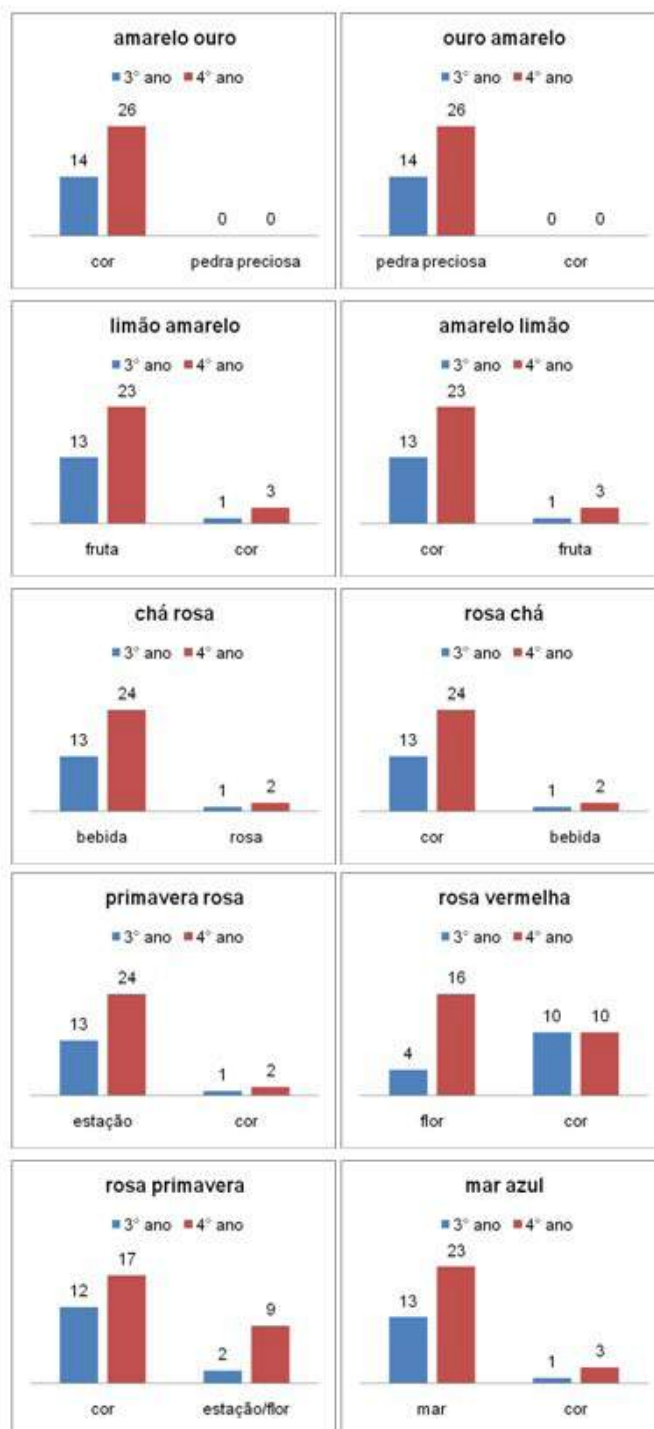
Nossa primeira fase foi subdividida em duas etapas. Primeiramente, procuramos um catálogo de cores que disponibilizasse uma variedade de expressões compostas. Optamos por utilizar o catálogo de *Tintas para artesanato PVA Corfix*, porque apresentava em sua lista grande variedade de cores compostas, totalizadas em cinquenta e nove expressões. Após a escolha do catálogo, selecionamos dez dessas expressões para realizar o formulário da pesquisa. Buscamos no catálogo cores que apresentassem no mínimo dois pré-requisitos. O primeiro está relacionado ao uso de apenas léxicos da Língua Portuguesa, tendo em vista que a pesquisa foi destinada a crianças brasileiras recém-alfabetizadas que possivelmente ainda não conhecem muitos estrangeirismos, como por exemplo as cores *vermelho country* e *black grape*; o segundo pré-requisito foi optar por cores com léxicos do uso popular, logo, cores como *rosa ciclame* e *violeta cobalto*<sup>5</sup> também foram evitadas, pois estamos trabalhando com leitores iniciantes e alguns deles ainda não desenvolveram um vocabulário tão diversificado.

Considerando os pré-requisitos citados, nosso formulário de pesquisa apresentou as seguintes cores e suas respectivas variações, totalizando vinte expressões: *amarelo ouro*, *ouro amarelo*, *limão amarelo*, *amarelo limão*, *chá rosa*, *rosa chá*, *primavera rosa*, *rosa primavera*, *rosa vermelha*, *mar azul*, *azul mar*, *azul piscina*, *piscina azul*, *verde folha*, *folha verde*, *maçã verde*, *verde maçã*, *verde água*, *água verde* e *goiaba queimada*.

Após essa fase, realizamos o estudo com crianças entre oito e onze anos, porque estamos de acordo com a proposta de Langacker (2006) sobre o desenvolvimento da língua ser feito por meio de esquemas de construções. Com essa faixa etária já é possível averiguar que crianças, devido à assimilação dos esquemas de construções de sua língua, são capazes de compreender expressões compostas, apesar de ainda não terem recebido todo o aprendizado estrutural de sua língua. Nosso formulário de aplicação foi composto pelas vinte expressões citadas no parágrafo anterior, em apenas um exercício. A proposta do exercício era assinalar expressões consideradas cores e justificar aquelas consideradas como não-cores. O formulário da pesquisa foi aplicado em quarenta crianças que cursam os primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo *vinte e seis* do quarto ano e *catorze* do terceiro ano.

<sup>5</sup> Segundo o dicionário Aurélio online, em relação a cores, *ciclame* é a cor lilás peculiar a planta ciclame e *cobalto* é a cor que nomeia a tonalidade azul-escura.

Nossa última fase foi a análise dos dados. Com o objetivo de organizar as considerações feitas a partir dos dados coletados, dividimos essa fase em duas partes: primeiro, apresentação dos *gráficos de análise*<sup>6</sup> sobre o valor quantitativo das respostas fornecidas para cada expressão, levando em consideração o ano escolar em que as respostas foram obtidas, e em seguida, as hipóteses linguísticas feitas a partir dos dados coletados.



**Figura 3:** Gráficos de análise1

<sup>6</sup> Vale salientar que as “opções de significado” das expressões compostas apresentadas nos gráficos foram retiradas das justificativas das crianças para os compostos considerados não-cores.

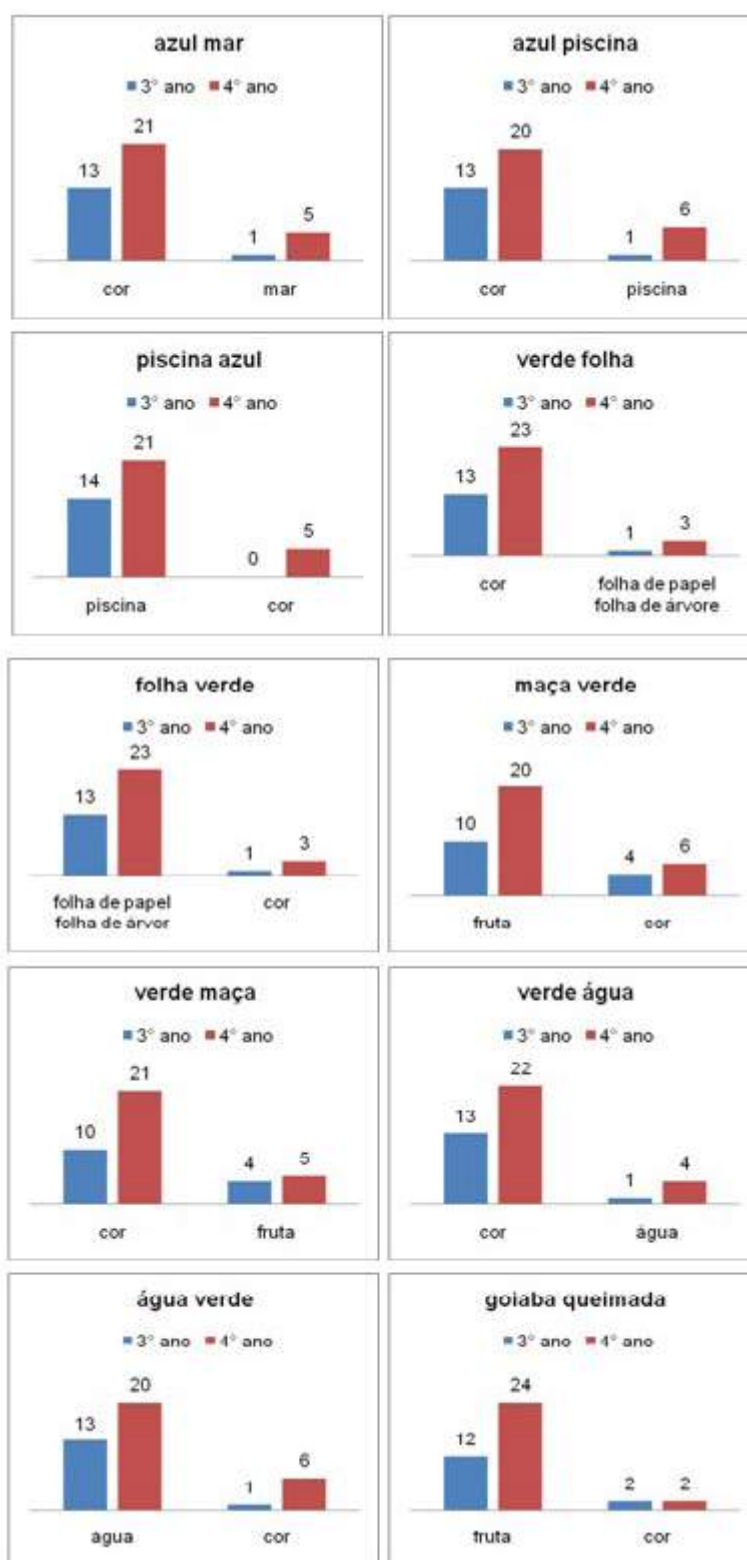


Figura 4: Gráficos de análise 2

Ao observar os gráficos, notamos que o primeiro elemento da composição sempre recebe uma quantidade maior de compreensão que o segundo. Por isso, verificamos com esses dados que o primeiro elemento da relação substantivo + substantivo domina o sentido do termo, enquanto que o segundo tem a função de especificar. Tal fenômeno linguístico da Língua Portuguesa pode

ser analisado não apenas com expressões compostas com cores, mas com outros léxicos também. Por exemplo, Langacker registra (2008, p.168) os compostos *escova de dente*, *relógio despertador* e  *festa de aniversário*<sup>7</sup>.

Outra consideração feita está relacionada ao fato de que quando a expressão é iniciada por uma palavra convencionalmente aceita como um tipo de cor, há uma forte tendência de considerar tal expressão composta como de fato uma cor, conforme averiguamos em *amarelo ouro*, *amarelo limão*, *rosa chá*, *azul mar*, *azul piscina*, *verde folha*, *verde maçã* e *verde água*. Esses exemplos corroboram o que foi mencionado na seção *Esquemas de Construção*, pois o falante é capaz de compreender uma série de expressões antigas ou novas que não façam parte de seu conhecimento léxico.

O falante realiza um armazenamento cognitivo de um esquema de construção do tipo substantivo(cor)+substantivo(não-cor) que gera um tipo de cor específica. Logo, se inventássemos a expressão “cinza elefante”, estaríamos diante de uma cor. Possivelmente, uma variação da cor cinza em que a tonalidade do cinza se assemelha com a cor da pele de um elefante.

As expressões com o vocábulo *verde*, tais como *maçã verde*, *água verde* e *folha verde*, possibilitam que *verde* seja entendido de várias formas, como foi descrito na seção *Polissemia*. Esse vocábulo possui uma variação de conceptualização em diferentes ocasiões de uso. Em cada uso de *verde*, estamos optando por um limite de sentido. Dessa forma, conforme foi apontado nas justificativas das crianças para os termos considerados não-cores, em *folha verde*, o foco de atenção é o de *cor*, em *maçã verde* ressaltamos a *cor* da maçã e o foco de atenção está em *fruta não madura*, e por último, em *água verde* os limites são o de *cor*, cor de água *suja*. Assim, com as justificativas para os limites de sentido de verde, podemos propor a figura *Limites de sentido de verde*, que apresenta a polissemia desse termo.



**Figura 5:** Relação de limites de sentido de verde

A polissemia também foi observada no vocábulo *rosa* nas expressões *rosa vermelha* e *rosa primavera*. Em *rosa primavera*, houve uma considerável diferença de construal feita pelos entrevistados, pois foi possível compreender essa expressão como um tipo de *cor*, uma estação do ano e uma flor. Os limites de sentido encontrados em *rosa* são diversos. Em *rosa vermelha*,

<sup>7</sup> Enquanto que encontramos nas expressões compostas da Língua Portuguesa o primeiro elemento com o sentido principal e o segundo especificando, na Língua Inglesa o primeiro especifica e o segundo especifica o sentido principal (*toothbrush/\*dente escova*, *alarm clock/\*despertador relógio* e *birthday party/\*aniversário festa*).

encontramos respostas que afirmaram ser essa expressão uma cor ou uma flor. As crianças tiveram diferentes percepções sobre rosa devido ao construal. Pois, ao se deparar com rosa, cada criança levou em consideração suas experiências sensoriais, emotivas e o contexto imediato em que a palavra é produzida, isto é, um formulário com nome de diversas cores.

As expressões *ouro amarelo*, *limão amarelo*, *chá rosa*, *mar azul*, *piscina azul*, *água verde*, *maçã verde*, *folha verde* e *goiaba queimada* foram analisadas fortemente como não-cores. Fato que ratifica o que mencionamos na seção *Conjunto de estruturas simbólicas* com a figura *Integração dos componentes estruturais*. A composição é uma questão de combinação de componentes de acordo com as correspondências entre seus polos semânticos e fonológicos.

Em relação à expressão composta *goiaba queimada*, trinta e seis dos quarenta entrevistados consideraram essa expressão como fruta, e apenas quatro analisaram como cor. Provavelmente, ela não foi aceita como cor tendo em vista que não possui em sua estrutura uma das cores convencionalmente adotadas. *Goiaba*, para as crianças participantes da pesquisa, é prototipicamente compreendida como *fruta*.

A respeito da variação dos resultados entre os alunos do terceiro ano e do quarto ano, consideramos que, independente do ano escolar ou da faixa etária da criança, a partir do momento em que elas se tornam falantes fluentes de sua língua, elas armazenam esquemas de construções desde a formação de um vocábulo, a ordem dos termos em uma frase, a ordem de um discurso. Por isso, consideramos as variações como formas diferentes de construtivização/*construal* de um mesmo termo, apesar de já haver um esquema de construção de substantivo + substantivo já adotado convencionalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as opções de *construal* que podemos fazer quando estamos diante de *primavera rosa*, *rosa primavera* e *rosa vermelha* parece, a primeira impressão, uma grande brincadeira. Uma brincadeira que nos exige uma habilidade cognitiva humana admirável. E foi essa brincadeira de troca-troca de posições de elementos e de sentidos em expressões compostas que nos encantou e fez este estudo chegar nesta última seção.

Esta pesquisa possibilitou uma reflexão inicial sobre processos cognitivos que podem ser investigados em expressões compostas, principalmente, em expressões compostas com cores.

Nossas indagações iniciais foram respondidas por meio da teoria dos Esquemas de Construção e do Conjunto de estruturas simbólicas, propostos pela Gramática Cognitiva. Através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, constatamos que em compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro elemento apresenta o sentido geral e o segundo especifica; assim em *verde água* estamos diante de uma *cor* e em *água verde* estamos diante de uma *água* nessa cor.

Ressaltamos que os esquemas de construção são uma ferramenta linguística cognitiva que nos ajuda a compreender como a língua é organizada. Ao assimilar um esquema, seja de formação de palavra ou da ordem dos termos em uma frase, é possível formar outras palavras e outras frases. Por

isso, foi possível que a maioria das crianças entrevistadas, mesmo sem dominar a estrutura formal da língua, conseguissem compreender as expressões compostas de nossa pesquisa.

Além de conhecerem os esquemas, nossos colaboradores também verificaram a possibilidade de entender *verde* com diferentes sentidos. Os sentidos encontrados em uma palavra foram assimilados devido à polissemia do termo, descrita aqui como os limites de sentido que uma palavra possui. Assim, colocamos o foco de atenção em cada um dos limites de *verde* ou de *rosa*, conforme exemplificamos anteriormente.

Portanto, consideramos que este estudo proporcionará aos pesquisadores da Língua Portuguesa uma fonte de análise sobre a grande “brincadeira” dos processos linguísticos cognitivos de nossa língua.

## REFERÊNCIAS

CROFT, W. & CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

**Dicionário Aurélio online**. Disponível em [www.dicionariodoaurelio.com](http://www.dicionariodoaurelio.com). Acessado em 26 de dezembro de 2012.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar: introduction to concept, image and symbol. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive linguistics: basic readings**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 29 67.

\_\_\_\_\_. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

TAYLOR, J. R. **Cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2003.

